RAYMUNDO CANDIDO DE QUEIROZ

O «Unitario», nesta sua segunda phase, está reeditando os artigos lapidares de João Brigido.

No numero de 11 do corrente, transcreve um delles, no qual este grande jornalista rememora o fallecimento do ilustre conselheiro Rodrigues, occorrido aos 14 de Maio de 1905, apreciando, rapidamente, mas com esmerada justiça, a vida e virtudes, tanto civicas como privadas, d'esse tão nobre conterraneo.

E' d'esta apreciação o seguinte trecho: «O conselheiro Rodrigues, no meio das vicissitudes da politica do Ceará, sempre foi seguido de uma numerosa cohorte de amigos, dos quaes mui poucos se arredaram da senda que trilhavam; uma prova de que elle valia tudo por si mesmo e professava principios que avassalavam muitos espiritos de bôa tempera.»

Nada mais verdadeiro!

Elle possuia essa força attractiva, muito mais intensa nos grandes caracteres do que, mesmo, nas brilhantes intelligencias; força essa que se exercia tanto mais energicamente quanto actuasse sobre almas similhantes á sua.

Muita vez um facto unico é o bastante para macular uma existencia: egualmente, basta, ás vezes, um rasgo de valor para nobilitar uma vida.

Um facto conhecemos, que confirma a palavra de João Brigido e que convém que tornemos publico, para honra de um obscuro e fiel amigo do conselheiro Rodrigues Junior, fallecido no Quixadá em 1911.

Algum tempo depois de nossa chegada á Commissão de Açudes do Quixadá (1889), soubemos que um certo Raymundo Candido arrastava, com sua familia, uma vida de estreita e dolorosa pobreza, embora pertencesse á grande e tradicional familia Queiroz e fosse primo-irmão do coronel Nanã, um dos grandes do Quixadá, honrado e acatado chefe do partido accyolista.

Raymundo Candido de Queiroz era, rigidamente,

amigo do conselheiro Rodrigues; e ao tempo que este nobre cearense militava na politica, exerceu cargo publico no proprio Quixadá. Mas quando o seu grande amigo se recolheu á vida particular elle, por sua vez, immergiu na sombra, no silencio e na pobreza.

Havia muito tempo que vivia assim, quando o cel. Nanã, delle compadecido, o procurou, trazendo-lhe um emprego com que melhorasse de condição; dizendo-lhe mais que não ficava bem, a elle Nanã, que seu primo e amigo continuasse em similhante situação.

A generosa offerta foi aceita; mas quando o cel. Nanã ia a retirar-se, Raymundo Candido, de subito, lhe pergunta si para exercer o emprego devia abandonar o cons. Rodrigues e passar-se para os accyolistas?

—Você já sabe, respondeu o outro, que o conselheiro abandonou em absoluto a politica e que já declarou, lealmente, aos seus amigos, que os desligava de quaesquer compromissos: você está, portanto, em liberdade.

—Pois leve o seu emprego, que eu fico com o meu amigo, foi a resposta.

Nanã fez quanto poude para demover seu primo; porem a mais perfeita dialectica não conseguiria reduzir este *vir propositi tenax*.

Por fim retirou-se desgostoso, levando o emprego, e Raymundo Candido ficou, tragicamente, com a sua pobreza e aquelle amigo que nada, então, lhe podia offerecer!

Ouvindo esta narrativa, passou-nos pela lembrança a figura austera e tragica de Egas Moniz, o typo acabado da lealdade; e, indagando de varias pessoas, soubemos ser a historia verdadeira.

Reflectindo sobre isto, perguntavamos a nós mesmo que homem era este, que levava a dedicação a taes extremos e a quem nada impedia de responder a seu primo, como aquelle personagem de *Romeu e Julieta—My poverty, not my will consents*? Esse, em cuja casa entrou a miseria, mas donde a vergonha não saltou pela janella?

Fosse elle homem de algumas posses, e a sua recusa teria pouco ou nenhum valor; mas era pobre, pobrissimo; e era ahi que repousava a grandeza e a

belleza do seu sacrificio ou, melhor dito, do seu heroismo.

O leitor ha de convir em que nada tem de facil a um homem, mordido pela pobreza e carregado de familia, recusar um allivio ás suas dores, unicamente para honrar a palavra dada a um amigo que nada delle exige.

Vivesse Raymundo Candido nas alturas em que pairava Lopes Trovão e sua recusa tambem repercutiria, com estrondo, até aos quatro cantos do Brazil.

Mas elle viveu no sertão, n'este nosso sertão que ha produzido tantas perolas e diamantes, ignorados ou esquecidos da gente leviana e buliçosa da cidade.

Piquet Carneiro, homem por tantos titulos veneravel, logo que soube do passado e do presente de Raymundo Candido, não hesitou um momento em chamar a si este homem raro.

Empregou-o na Commissão, o que tambem fez a seu filho mais velho; e indo alêm, mandou asseiar uma casa onde, depois, aquelle grande e rijo soffredor se acolheu com sua familia.

Elle, que nada pedira, muito tempo levou sem perceber a razão porque tantos bens lhe cahiram dos céos; nem tão pouco o motivo pelo qual os engenheiros o tratavam com sympathia e consideração.

Era de ver o embaraço em que ficava quando estes o visitavam. E' que elle, por mera superstição, acreditava que, pelo simples facto de sermos engenheiros, fossemos uns homens espantosos, em tudo e por tudo superiores a elle...

Um dia, porém, tremulo de emoção, veio a saber que quanto se lhe fizera e se lhe fazia, não passava de merecida homenagem ao seu grande caracter e se lhe disse que podia considerar-se credor de muito mais.

Homem de poucas letras, porém muito intelligente, parecia bastante com os retratos do chanceller Dolfuss: a mesma expressão de resolução e de coragem. Moralmente, lembrava Egas Moniz, de quem elle poderia dizer-se um remoto descendente.

Que estas pobres linhas avivem a sua nobre

lembrança e não provoquem o riso impio dos que, hoje, não podem nem sabem mais admirar tão bello exemplo de fidelidade e de honradez.

Maio—1935.

JOAO NOGUEIRA